

O(s) idoso(s) em movimento e sua participação no turismo de Porto Seguro - BA

The senior in movement and his participation in
Porto Seguro (BA) tourism

*Raimunda Silva d'Alencar**
*Ronaldo de Souza Veiga ***

Resumo

É fato inconteste na realidade brasileira a longevidade humana, graças aos avanços da ciência e melhoria das condições de vida nos últimos cinqüenta anos. Viver mais, contudo, significa exigências as mais diferentes, demandas as mais variadas, que imprimem necessidades de adequação de estruturas e de serviços, dentre os quais o turismo. Apesar do crescimento, o setor turístico constitui-se numa atividade ainda tímida, desenvolvida por uma parcela diminuta da população, com pouca participação do segmento idoso. Esta pesquisa buscou identificar o nível de participação do turista idoso em Porto Seguro, bem como a infra-estrutura e opções de lazer adequadas ao idoso. Embora o turismo seja uma das preocupações do poder público local, não

foram criados projetos destinados ao segmento idoso, inclusive com custos mais baixos; tampouco são adequadas ao idoso a arquitetura hoteleira e opções de lazer.

Palavras-chave: turismo, terceira idade, políticas públicas.

* Professora Assistente do DFCH, Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia.

** Bolsista do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC. Licenciado em Geografia.

Recebido em jun. 2005 e avaliado em jul. 2005

Introdução

O avanço técnico-científico, ampliado e aprofundado nos últimos cinqüenta anos com o auxílio da microeletrônica, não só diminui distâncias e homogeneiza economias e culturas, viabilizando um conhecimento em nível mundial interligado por redes (internet, satélite e radares), como possibilita ao homem, em qualquer parte do mundo, o prolongamento da vida, um de seus grandes sonhos.

Pode-se dizer, sem sombra de dúvidas, que a ciência e a tecnologia são responsáveis pela longevidade humana. No caso brasileiro, particularmente, a expectativa de vida, que era pouco mais de 33 anos no início do século XX, chega ao início do século XXI, cem anos depois, com 72 anos em média, vislumbrando-se a possibilidade de se viver bem mais.

A sociedade brasileira, entretanto, só recentemente inicia o seu aprendizado com a questão do seu próprio envelhecimento. Até há pouco mais de trinta anos, o Brasil era conhecido como um país de jovens, pois apenas 4% da sua população tinham mais de sessenta anos, convencionada pela Organização Mundial da Saúde como idade de início da velhice. Com esses números, a sociedade não tinha qualquer preocupação, pois a velhice ficava restrita aos ambientes familiares, aos espaços domésticos.

Apesar dessa longevidade, a lógica que ainda comanda a sociedade brasileira com relação ao idoso é de descaso e preconceito. Na lógica que coloca o trabalho como a única forma de participação social, o idoso é considerado sem forças para o setor produtivo; aos sessenta anos, e muitas vezes com bem menos idade, é conside-

rado descartável. A valorização extrema do trabalho, como meio de produção e de sobrevivência no contexto da constante competitividade ocupa grande parte do tempo das pessoas.

Embora Marx defendesse a idéia de trabalho, criatividade, divertimento e vida como uma coisa só, ainda é dominante a idéia de que cada coisa tem o seu tempo e, portanto, “quando trabalhamos, devemos trabalhar, quando brincamos, devemos brincar. De nada adianta tentar misturar as duas coisas. O único objetivo deve ser o de desenvolver o trabalho e de ser pago por tê-lo desenvolvido. Quando o trabalho acaba, então pode vir a diversão, mas não antes” (apud DE MASI, 1999, p. 124-276).

O tempo livre, ou o tempo do não-trabalho, apresenta-se como elemento importante no imaginário de milhões de brasileiros. O idoso, mais seletivo como consumidor e dispondo de tempo livre pelo jubilamento do trabalho, acaba não sendo considerado pelos diferentes setores de serviços, com destaque aqui para o setor turístico. Trata-se de atividade que, pelo seu caráter, ainda tem muito a crescer e só recentemente começa a revelar-se para a economia.

De acordo com o que afirma Carlos (2002, p. 32), “o tempo do não trabalho faz parte do tempo social, contrapartida do tempo dedicado à produção, mas domina a economia porque é tempo de consumo, daí a importância da indústria turística hoje no mundo, uma vez que enormes setores produtivos se constroem a partir do não-trabalho”.

As mudanças processadas na dinâmica populacional conduzem a que não só as pessoas vivam mais, mas vivam melhor.

Nesse sentido, tem sido delas a iniciativa de buscar novas formas de viver saudavelmente, de utilizar o tempo livre, mudando uma cultura já enraizada de que velho deve viver em casa, tomando conta de netos, tricotando, ou, no máximo, jogando baralho. Além de não mais ser obrigado a cumprir horário e rotina diária, semanal, anual, ele se sente estimulado a retornar aos estudos, a preencher o tempo com coisas que lhe tragam prazer, inclusive novos aprendizados, para manter a estima elevada e permanecer interagindo, ativo.

O dimensionamento do lazer reside na possibilidade de poder suscitar comportamentos ativos durante a utilização do tempo livre, como a participação consciente e voluntária na vida social, opondo-se ao isolamento e ao recolhimento, e a exigência de crescimento pessoal livre, com a busca de equilíbrio entre o repouso, a distração e o desenvolvimento pessoal contínuo e harmonioso.

Entretanto, nem todos os idosos têm as mesmas condições de envelhecimento e o mesmo poder aquisitivo, de modo que nem todos têm acesso às opções de lazer e turismo. Como já assinalado, a tradição de viajar ainda é pequena no Brasil, até mesmo entre aqueles com poder aquisitivo maior. Ao contrário de trabalhadores de outros países, grande parte dos trabalhadores brasileiros não tem o hábito de viajar quando em gozo de férias; assim, acaba envelhecendo e sendo jubilado sem ter feito uma única vez viagem de turismo dentro do próprio espaço onde mora.

Tomando Porto Seguro como o grande apelo sedutor do turismo no Brasil, para onde converge mais de um milhão de turistas por ano (BAHIATURSA, 2000),

a idéia é analisar o perfil desse turista, destacando aquele que se convencionou chamar “idoso”. Para isso, este artigo busca identificar o turista idoso que visita Porto Seguro, bem como a adequação da infra-estrutura, tanto da rede hoteleira quanto dos serviços prestados (existência de rampas, pisos antiderrapantes, corrimão nos *halls* dos hotéis, em banheiros e quartos), adaptada a essa nova realidade, a preocupação de bem-estar e segurança para com este e seus familiares.

Considerações sobre turismo e tempo livre

Falar de turismo é falar de uma “atividade econômica que permite às pessoas, com disponibilidade de tempo e recursos, desfrutar de programas de entretenimento, lazer e recreação, fora do lugar de moradia, por um período superior a 24h” (OMT apud SEABRA, 2001, p. 11). Embora tenha raízes na Grécia antiga e em Roma, somente no final do século XX o turismo ganhou relevante espaço, não só se tornando uma atividade econômica de alto retorno, mas ampliando as possibilidades para uma parcela crescente da população fazer viagem de turismo, conhecendo lugares, pessoas, culturas.

O turismo implica o deslocamento, a viagem, mas não só; as pessoas viajam e o fazem por vários motivos: em busca de paz, para gozo de férias, em busca de uma interação com a natureza e com outras pessoas. Em razão da agitação da vida moderna nos grandes centros urbanos (estresse, engarrafamento no trânsito, violência, drogas etc.), o homem vem procurando se desvincilar dessa agitação, muitas vezes

buscando realizar viagens que ofereçam um ambiente propício ao relaxamento, um contato maior com as belezas naturais, ou não, do local escolhido.

Para Oliveira (2000, p. 36), as pessoas também viajam “pelos valores históricos, por maior ingresso de recursos financeiros e porque cada vez mais dispõem de mais tempo livre. Estão vivendo mais e trabalhando menos. As pessoas viajam mais porque as distâncias estão mais curtas. As motivações para fazer turismo são diversas”.

O tempo humano, de acordo com Moragas (1997, p. 207), é único e limitado, mas a sociedade qualifica cada forma de vivenciá-lo de maneiras diferentes (lazer, trabalho, descanso). E uma das formas que mantiveram o sujeito durante a maior parte do seu tempo ocupado foi o trabalho. Foi somente por meio de reivindicações sindicais pautadas na saúde do sujeito que se implementou o tempo livre para o descanso e o lazer. Surgiu, em 1833, o primeiro panfleto – “O direito à preguiça” – defendendo o lazer do trabalhador (LAFARGUE apud MORAGAS, 1997). A Revolução Industrial, com tempo de trabalho exaustivo, possibilitou repensar a jornada de trabalho, forçando o surgimento da jornada universal de oito horas, que viabiliza a divisão do tempo diário em descanso, trabalho e outras atividades, inserindo-se aí, portanto, o tempo livre.

É indiscutível que foi uma grande conquista adquirir, como afirmou Paul Lafargue (apud MORAGAS, 1997), “o direito à preguiça”. Segundo essa lógica, o sujeito tem um momento em que pode repor suas energias e ocupar-se com outras coisas que não seja apenas o trabalho. Por conseguinte, nas últimas décadas, de acordo ainda com Moragas (1997, p. 208),

“o tempo livre do trabalhador não fez mais que aumentar, mas também aumentou o dos que não têm trabalho, desempregados e aposentados. A sociedade contemporânea enfrenta o desafio de preencher tempos cada vez maiores para números crescentes de cidadãos [...]”.

É ainda Moragas (1997, p. 209) quem afirma que, quando as jornadas de trabalho eram esgotadoras, o tempo livre servia para o descanso, para recuperar a capacidade funcional de modo a permitir dar continuidade ao trabalho. Quando o trabalho era rotineiro, o tempo livre proporcionava a oportunidade de realização pessoal, porém quando superou quantitativamente o tempo do trabalho, o problema atinge a identidade profunda do homem moderno.

Assim, o avanço tecnológico, que possibilita cada vez mais o aumento do não-trabalho, do tempo livre, do *tempo do ócio*, confronta a sociedade com uma questão da qual ela não pode fugir: o que fazer com o tempo livre e como preenchê-lo? Embora seja uma questão ainda em aberto, até porque pode transformar-se em ameaça para o idoso, uma das respostas para ocupar esse tempo é o lazer. Para Gorinchteyn, “o indivíduo, ao participar de atividades de lazer, estabelece relações com as pessoas e com o mundo; condição que favorece o inter-relacionamento pessoal e a interação ambiental, contribuindo, assim, para uma melhor qualidade de vida” (1999, p. 63-69).

Segundo Dumazedier (apud SILVA, 1999, p. 57) e Marcellino (1995, p. 25), o lazer representa um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repouso, divertimento, recreação e entretenimento.

As atividades de lazer são importantes para a atenuação, ou, mesmo, para a superação, de problemas e para a recuperação psicossomática de pessoas de todas as idades, sendo necessário, em geral, o contato social. Para os idosos, em especial, essa condição ganha um caráter singular, pois ajuda-os a descobrir novas possibilidades, permitindo que passem a pensar e a agir com mais satisfação (REQUIXA apud SILVA, 1999, p. 58).

Atividades de lazer, no entanto, variam conforme a faixa etária, aspectos socio-culturais e condição econômica. Moragas (1997), analisando a questão, reitera a necessidade da busca de alternativas para privilegiar o tempo livre do idoso, ocupando-o com atividades que possam gerar maior satisfação pessoal. Trata-se, pois, de realçar o divertimento como superação da monotonia cotidiana, associada ao desenvolvimento da personalidade, das sociabilidades e do prazer.

Não se trata, no entanto, de qualquer atividade, de qualquer passatempo, mas de atividade criativa, capaz de qualificar o desenvolvimento do ser humano, independentemente da idade que tenha. “Os esportes individuais – *asa delta, wind-surf, tênis, skate, ski, atletismo* – disputam com as viagens, a informação, o aprendizado de línguas estrangeiras e de instrumentos musicais a primazia no uso do tempo livre” (SANTOS, 2000, p. 93).

Na concepção de Gorinchteyn (1999, p. 63-64), o lazer tem singular relevância para os idosos, chegando a ser assunto de mau gosto não poder dele desfrutar por falta de oportunidade.

Enquanto no Brasil o quadro é ainda tímido, em países da comunidade europeia,

a exemplo de Portugal, o tempo livre de muitos idosos é ocupado com atividades turísticas e de lazer. É indiscutível que as pessoas idosas aspiram a uma vida em sociedade digna, ativa, solidária e participativa, que não padeça com ditaduras ameaçadoras da pobreza e da solidão, que assolam com violência as gerações mais velhas. Os exemplos estão nas viagens que promovem os clubes da melhor idade em todo o Brasil e o sacrifício que muitos idosos têm de fazer, individualmente, para não perder a oportunidade de viajar em grupo, cujo custo, sem dúvida, é mais reduzido.

O turismo e o idoso

Hoje em dia, diz Baumann (1999), “estamos todos em movimento”, e inclusive o idoso, que vem ocupando espaço significativo no contexto socioeconômico, embora apenas uma parcela pequena desse segmento receba salários que lhe possibilitem viajar. No mundo inteiro, o setor serviços já despertou para os benefícios que esse segmento é capaz de proporcionar: em aeroportos de diferentes partes do mundo, antes dos incidentes das torres gêmeas, era comum serem encontrados grupos de idosos em viagens turísticas de um país a outro, de uma região a outra, muitas vezes em vôos fretados com tal finalidade. Essa situação não chega a causar impacto no Brasil, apesar dos recursos naturais para fazer e estimular o turismo e do desconhecimento do país pelos brasileiros.

Mesmo com o reconhecido crescimento, o turismo ainda é uma atividade tímida na realidade brasileira, haja vista que é desenvolvido por uma pequena parcela da população e, menor ainda, do

segmento idoso, que só recentemente, por meio dos clubes da chamada “melhor idade”, começa a despertar para essa possibilidade. Mesmo assim, o turismo temse constituído em atividade econômica de peso e dinamismo na economia e, em suas outras dimensões (política, cultural e comportamental), temse caracterizado como uma das relevantes expressões da pós-modernidade no que se refere aos valores ideológicos e aspirações nele veiculadas e aos mecanismos tecnológicos que o viabilizam (RODRIGUES, 1999, p. 68-69).

Guattari chama a atenção para o modelo de turismo desenvolvido no mundo, cujo caráter tem sido homogeneizador de comportamentos, não sedutor para o turista idoso, que se diferencia, como consumidor, pela experiência e maturidade acumuladas ao longo dos anos. Diz Guattari que “os turistas fazem suas viagens quase sem sair do lugar, confinados nos mesmos ônibus, nas mesmas cabines de avião, nos mesmos quartos climatizados dos hotéis e desfilam diante de monumentos, paisagens que já viram centenas de vezes nos jornais, prospectos e telinhas de TV” (apud RODRIGUES, 1999, p. 60).

De outro lado, o desenvolvimento tecnológico e a informática associam-se na conjugação do encurtamento das distâncias e da homogeneização dos hábitos, viabilizando as viagens para poucos, como símbolo de *status* e de consumo cultural.

Numa sociedade em que a indústria cultural ganha significação, a proliferação dos serviços em geral e dos destinados ao tempo livre e lazer, em especial, constituem, seguramente, um espaço privilegiado para os ganhos do capital. Por outro lado, [...] a

realização de viagens como mecanismo de reconstituição do ser humano ante o sofrimento cotidiano conformado pela rotina e pelo trabalho, são condições que sinalizam a generalização do turismo como prática social capaz de ocupar um espaço bem mais significativo do que tem ocupado até então (RODRIGUES, 1999, p. 165).

A inserção do idoso no contexto turístico não é uma tarefa fácil, todos sabemos. Em primeiro lugar, porque o idoso é ainda socialmente tratado com preconceito, com descaso; não há preocupação pública, tampouco privada, com esse segmento. Esse preconceito e descaso acabam influindo em hábitos e comportamentos do próprio idoso, que absorve os significados que a sociedade, de um modo geral, lhe imprime. Em segundo lugar, o turismo interno tem custo elevado para a população interna, cada dia mais empobrecida e, de modo especial, para o segmento idoso, cujas aposentadorias costumam ser irrisórias para parcela relevante dos que já se aposentaram e passam a incorporar gastos com medicamentos (para tratar doenças muitas vezes trazidas pelo isolamento a que é submetido após jubilar-se do trabalho) ou a complementar as despesas domésticas (ampliadas pelo retorno dos filhos e suas famílias em razão do desemprego). Apesar disso, não se podem fechar os olhos para a realidade da sociedade que envelhece e que, inevitavelmente, terá de repensar e (re)descobrir valores estéticos e reinventar práticas sociais geradoras de prazer.

Por tudo isso, é relevante pensar no crescimento da população idosa e, com ele, na criação de uma nova mentalidade para a qualidade de vida, por meio de mecanismos, inclusive, de (re)educação para o lazer, para o uso do tempo livre,

com políticas capazes de estimular e baratear o turismo para pessoas maiores de sessenta anos, apesar das críticas a um turismo homogeneizador e rígido, como sugeriu Guattari.

Essas críticas têm recaído no pacote turístico que controla o turista. Segundo os críticos, o turismo acaba por ignorar a identidade do lugar, sua história, sua cultura, modos de vida, chegando a banalizar os lugares, pois produz a não-relação, o não-conhecimento, o distanciamento, dado pelo olhar orientado e vigiado, predeterminado e preconcebido (CARLOS, 2002, p. 30).

Embora seja importante uma reflexão em torno dessa “racionalidade”, é relevante considerar os aspectos educativos que o turismo pode exercer sobre pessoas idosas, seja porque o conhecimento de novos lugares proporciona desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos, seja porque proporciona melhor compreensão da realidade na qual vivem, ampliando o grau de informação. Isso pode representar um avanço substancial do setor turístico e uma melhoria significativa na qualidade de vida das pessoas idosas. Por decorrência, há necessidade de adequação da infraestrutura hoteleira e de lazer nos diversos espaços geográficos, até mesmo para reativar a memória dos lugares, coisa que o idoso do local pode fazer, beneficiando o *trade turístico* e se beneficiando também. Afinal, é preciso acreditar que o indivíduo, independentemente da idade, é capaz de criar, descobrir, aprender, realizar-se, relacionar-se, transformar-se e transformar seu meio, (re)construindo a sua própria história. É preciso compreender que os espaços traduzem produção humana e representam o resultado das relações dos

homens entre si. As condições, portanto, precisam ser criadas, até porque a razão de ser do turismo é o deslocamento, mas não o deslocamento pelo deslocamento.

Assim, a inserção do idoso no contexto do turismo em nível nacional, regional e local tornar-se-á possível a partir do momento em que forem criadas políticas voltadas para este segmento, melhoria na qualidade dos serviços prestados e, efetivamente, alterações na infra-estrutura dos empreendimentos turísticos. Neste caso, é preciso considerar que as plantas arquitetônicas de hotéis, pousadas, empreendimentos de lazer, dentre outros, não foram pensadas para incluir idosos como potenciais usuários do turismo.

A oferta de pacotes turísticos destinados ao segmento idoso, como também de condições reais para essa participação, associada à melhoria nos serviços, poderá se traduzir em opções mais sedutoras e estimulantes à prática do turismo, com impactos econômicos substanciais para municípios e empreendedores.

O turismo e o turista idoso em Porto Seguro

O município de Porto Seguro localiza-se na zona fisiográfica do extremo sul da Bahia, distanciando-se de Salvador cerca de 700 km. Faz parte da chamada “costa do descobrimento”, que engloba outros municípios, como Belmonte, Santa Cruz de Cabrália, Prado. Apresenta clima tropical superúmido, sem estação seca, e tem uma população estimada em 95 mil habitantes (IBGE, 2000).

Historicamente, Porto Seguro foi sede de uma das quinze capitania hereditárias

em que foi dividido o imenso território brasileiro. Desde 1973 o município foi tombado pelo patrimônio histórico nacional e, em 2000, foi considerado patrimônio natural mundial pela Unesco.

Além da força histórica, com suas igrejas, casario, praças e imagens sacras que datam dos séculos XVI e XVII, Porto Seguro possui 90 km de mar calmo, com praias tranqüilas e badaladas, rica diversidade biológica, variadas espécies de corais e uma reserva de mata Atlântica que representa um rico ecossistema. Tem um parque hoteleiro de 497 hotéis e pousadas, com cerca de 31 mil leitos (PORTO SEGUNDO, 2002, p. 11-13).

De acordo com Rodrigues (2000, p. 55), o turismo materializa-se com base em dois tipos diferentes de “venda do território”: venda do natural (que vai da neve ao sol) e venda do passado histórico, pelo conjunto das edificações de um dado período histórico. No caso específico de Porto Seguro, espaço de nossa observação, o turismo vai se consolidar-se tendo como base os dois tipos, significando que o turismo, como uma atividade que produz um espaço, ou se apropria dele, já transformou Porto Seguro num espaço mercantilizado. É ainda Rodrigues (2000, p. 56) quem afirma que “o espaço para o turismo constitui uma mercadoria complexa, pois ele mesmo é uma mercadoria”. Essa compreensão traz à tona, quando se analisa a presença do idoso em Porto Seguro, a idéia de que esse sujeito ainda não se caracteriza como um consumidor do turismo ou, em outras palavras, ainda não “virou” turista.

É como mercadoria que o turismo vem sendo cada vez mais levado em conta em Porto Seguro. A apologia ao turismo está

presente de modo relevante nos programas de governo, na mídia e, mais recentemente, nos meios acadêmicos, não só como tema de discussão, mas como área de conhecimento nos cursos de graduação e pós-graduação, além de cursos técnicos de segundo grau.

Por meio de dados colhidos junto às agências de turismo instaladas no município, ficou evidenciado que ainda é jovem a população que faz turismo em Porto Seguro. Embora o turismo possa representar para o idoso a possibilidade de mudança de hábitos e atitudes da vida cotidiana, porque favorece o contato interpessoal e grupal, desenvolve a sociabilidade, a auto-estima e quebra o isolamento a que é submetido o idoso, este é, na verdade, o que menos viaja. Em Porto Seguro, apenas 6% dos turistas visitantes têm idade a partir de sessenta anos, contra 88% com idades entre dez e cinqüenta anos. O tipo de ocupação desses turistas, de acordo com a pesquisa, é significativamente de estudantes (44% deles), possibilitando afirmar que corresponde à faixa jovem da população que visita Porto Seguro. O profissional liberal aparece com 30%, o empresariado, com 2% e outras ocupações, com apenas 4%.

O maior fluxo de turistas que visita Porto Seguro, segundo as agências de turismo e empreendimentos hoteleiros locais, procede dos estados de Minas Gerais (31%), São Paulo (29%), Rio de Janeiro e Brasília (12% cada), Salvador (9%), outros países (6%) e Goiás (2%). Esse fluxo é configurativo da alta temporada, reduzindo-se sobremaneira na baixa temporada, esta mais procurada pelo turista idoso, pois os custos dos pacotes são mais reduzidos.

Com um suporte hoteleiro significativo, a baixa temporada promove o fechamento de vários hotéis e pousadas, bem como de agências de turismo, de acordo com a Secretaria de Turismo local.¹ A preocupação dos poderes públicos local e estadual tem sido expressa em políticas de promoção no sentido de ampliar o fluxo de turistas, em especial dos de origem européia (Itália, Portugal e Espanha). Essa preocupação se dá no sentido de viabilizar um equilíbrio entre baixa e alta temporada, considerando os problemas locais para a manutenção e permanência dos empreendedores.

Levando-se em conta que a renda do idoso em países da comunidade européia é bem mais elevada que a do idoso brasileiro, a expectativa é de que haja crescimento da presença do idoso de outros países, continuando o turismo interno com crescimento limitado para essa faixa etária. Tomando-se os exemplos de Portugal e Espanha, onde existem programas turísticos destinados ao segmento idoso da sociedade local, os dados indicam que, apenas num ano, o turismo para a terceira idade gerou um volume de negócios diretos no mercado na ordem de US\$ 40 milhões (DIAS, 2001, p. 69).

Nesses países, o programa direcionado para o idoso conta com 150 hotéis cadastrados e com infra-estrutura adequada. Segundo o Instituto Nacional para Aproveitamento de Tempo Livre dos Trabalhadores de Portugal (Inatel), o grau de satisfação dos idosos que participam dos programas turísticos é de 97% naquele país.

Embora se constitua num serviço totalmente mercantilizado, Porto Seguro é, “[...] desde a década de 80, a maior des-

tinação turística do mercado doméstico brasileiro, fora do circuito das capitais. Embalada ao som da lambada, virou mania nacional. Mas a posição não foi atingida por acaso. Resultou de uma estratégia mercadológica muito bem pensada e urdida” (VAZ, 2001, p. 109). Contudo, faltam ainda políticas internas capazes de proporcionar maior utilização pela classe trabalhadora em geral e, em especial, pelos que se aposentaram.

Infra-estrutura dos empreendimentos hoteleiros

Como parte desta pesquisa, procurou-se analisar as opções de lazer oferecidas aos turistas idosos, como também a adequação da infra-estrutura e as dificuldades encontradas para o desenvolvimento do turismo local.

Em se tratando da infra-estrutura nos empreendimentos hoteleiros, pode-se notar que há empreendimentos que têm preocupação com essas questões e cuidaram de implantar corrimões (20% deles), evidenciando um item importante de segurança interna para evitar acidentes, não só com idosos; rampas (26%), item bastante solicitado pela população brasileira nas repartições públicas, como bancos, universidades, dentre outras; pisos antiderrapantes (29%); apartamentos adaptados para deficientes (6%); banheiros com pisos e barras (5%), viabilizando uma maior comodidade ao turista, principalmente àquele com dificuldades de locomoção; bengalas, muletas e cadeira de rodas, que existem em 3%, 5% e 6%, respectivamente, nos empreendimentos – neste caso, em especial, vai se possi-

bilitar ao turista idoso com deficiência ou dificuldades de locomoção a possibilidade de se deslocar dentro e fora do hotel com relativa autonomia.

Embora com percentuais muito baixos, os empreendedores começam a manifestar uma certa preocupação, fazendo alterações na arquitetura de seus empreendimentos. Naturalmente, a questão se constitui numa exigência legal e, mais cedo ou mais tarde, provavelmente todos terão de adaptar as suas estruturas a essa realidade, cada vez mais próxima.

Quanto às opções de lazer oferecidas ao segmento idoso, além das visitas a parques, igrejas, casarios, praças, caminhadas pela cidade, trilhas e praias, os hotéis oferecem dança (34%), natação (25%), ginástica (23%), hidroginástica (11%), jogos (8%). Nota-se que essas opções não foram criadas com o intuito de atender à população da terceira idade, mas existem para quaisquer sujeitos, que normalmente se ajustam às ofertas disponíveis.

É fato que as pessoas procuram o tipo de turismo que mais se aproxima do seu perfil, embora muitas vezes essa procura seja estimulada pela ação mercadológica. Nesse sentido, é importante que o poder público, juntamente com a iniciativa privada, explore o potencial que representa uma população experiente, desejosa de ampliar conhecimentos e acrescentar elementos novos à vida, bem como as características do lugar, apresentando-o a partir de um saber acumulado por idosos do lugar, como espaço apropriado para as múltiplas modalidades de turismo procuradas pela população: turismo de lazer, turismo de eventos, turismo histórico, turismo esportivo, dentre outros. Para

Oliveira (2000, p. 63), “os vários tipos de turismo praticados no mundo todo tornam essa atividade uma grande opção de desenvolvimento. É preciso que cada local defina em que tipo ou tipos de turismo suas características se enquadram, de acordo com o potencial da região [...]”.

Em relação à qualificação dos guias turísticos, as agências apontam que 40% de seus guias possuem o segundo grau completo; 27%, nível superior completo; 13%, o segundo grau incompleto; 13%, o terceiro grau incompleto e apenas 7% têm primeiro grau.

Os níveis de escolaridade encontrados sinalizam uma preocupação das agências de turismo com a qualidade da mão-de-obra contratada, embora não haja qualquer preocupação com o idoso do local. De acordo com Petrocchi (2002, p. 60-61), “[...] os visitantes são recebidos pelo *sistema turístico*, mas eles têm contato direto e pessoal com os operadores do sistema. Se estes não compreenderem a importância do *cliente* e não forem treinados para atendê-lo, corre-se o risco de frustrar o atendimento e assim receber por parte do visitante uma avaliação *negativa*, que se propaga e representa uma ameaça ao sistema”.

Trata-se de uma preocupação pertinente em razão da competitividade, do crescimento e da valorização cada vez maior do setor serviços e das perspectivas de crescimento que as transformações do trabalho e do mercado de trabalho estão apontando.

Embora essa preocupação exista, vai além da titulação acadêmica. As agências afirmam que a boa mão-de-obra não se resume apenas à formação acadêmica dos seus guias, mas avança para uma

formação paralela por meio de cursos de curta duração oferecidos pelo Sebrae, e/ou financiados pelas próprias agências (aqui, certamente, o idoso local poderia fazer a diferença). Por conta dessa concepção, os treinamentos oferecidos aos guias de turismo destacam o atendimento ao turista como uma das mais importantes preocupações das agências de turismo e da rede hoteleira local.

É ainda Petrocchi quem afirma:

É fundamental oferecer serviços corretos ao visitante, com cortesia e profissionalismo, e isso não é possível sem um programa de formação profissional [...]. É muito comum os pequenos empresários não cuidarem do treinamento de seus empregados. [...] o sucesso do turismo não se alcança de forma isolada. Uma bela praia é o ponto de partida, mas e os serviços, o conforto do cliente e a forma de tratá-lo? (2002, p. 60-61).

Cabe destacar que na relação de treinamentos oferecidos aparecem nesta ordem: cursos de relações interpessoais, primeiros socorros e atendimento ao turista. Uma questão agravante para a manutenção de uma mão-de-obra qualificada é a diferença no fluxo de turistas da alta e baixa temporadas. De acordo com preocupação expressa por Petrocchi (2002, p. 183), essas diferenças

criam mobilizações e desmobilizações do quadro de funcionários. A descontinuidade da equipe joga por terra as esperanças de ganhos em qualidade na mão-de-obra empregada. [...] é comum a falta de especialização no setor de turismo e, por consequência, a baixa qualidade dos serviços prestados; o que é uma ameaça aos negócios desses sistemas turísticos e até mesmo à sua sobrevivência.

Em Porto Seguro esse fluxo é bem definido, acentuando-se sobremaneira

nas férias de final de ano, entre dezembro e fevereiro, incluindo-se o carnaval. No restante do tempo a mão-de-obra é dispensada porque não há demanda de serviços que justifique ou compense a manutenção de tais despesas.

Finalmente, o turismo voltado especificamente para o segmento idoso da população não é pensado, o que explica a não-existência de programas, pacotes e atenção especiais para esse segmento. De outro lado, isso corrobora a idéia amplamente divulgada e ainda dominante na sociedade de que o idoso não interage, não viaja ou não precisa desse lazer, o que se constitui num grande equívoco.

Os exemplos de outros países dão muito bem a medida de quanto o setor turístico brasileiro, em especial o de Porto Seguro, perde em não conceber ou incluir essa parcela da população como potencial visitante, explorando novos conhecimentos, novos lugares, ou reativando a memória de idosos do lugar, que se constituem em verdadeiro patrimônio individual e social do local.

Portanto, conclui-se que o turismo ainda está longe de se constituir numa opção de lazer para qualquer idoso brasileiro, contrariando as estatísticas que mostram um Brasil com cerca de 14 milhões de idosos e sinalizam, para os próximos quinze anos, com a sexta população idosa do mundo. Levando em conta esses dados, é preciso saber com o quê, precisamente, o idoso brasileiro está preenchendo o tempo livre que tem ou para onde está indo, considerando a sua participação no turismo de Porto Seguro de apenas 6%.

Por ter um apelo nacional e internacionalmente reconhecido, Porto Seguro, na

Bahia, ainda não conseguiu ser incluído na rota do idoso que viaja internamente, tampouco viu no idoso local um potencial para mostrar a beleza e a história do local, espaço certamente já modificado pela mercantilização do turismo.

Abstract

It is an uncontested fact in Brazilian reality, thanks to the advances of the science and improvement of life terms in the last fifty years, the human longevity. Live more means the most different demands, which print needs to structures adaptation and of services, among which ones, the tourism. Besides the growth, the tourist sector constitutes in a still shy activity, developed by a tiny bit of the population, with little participation of the senior segment. This research sought to identify the participation level of the senior tourist in Porto Seguro, as well as leisure infrastructure and options adequate to the senior. Although the tourism is one of the preoccupations of the local public power, there were not created projects destined to the senior, with lower costs; neither the leisure host architecture and options are adapted to the senior.

Key words: tourism, third age, public politics.

Referências

- BAHIATURSA, *Regiões turísticas*. Disponível em: // www.bahiatursa.gov.br. Acesso em: 12 out. 2000.
- BAUMAN, Z. *Globalização - as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico*, 2000.
- CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E. et al. (Org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 25-37.
- DE MASI, D. *O futuro do trabalho - fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: UnB, 1999.
- DIAS, J. A situação dos idosos portugueses e as políticas e programas para a terceira idade em Portugal. *A Terceira Idade*, São Paulo, ano XII, n. 21, fev. 2001.
- GORINCHTEYN, J. C. Os benefícios da atividade física na terceira idade. *A Terceira Idade*, São Paulo, n. 16, p. 63-69, maio 1999.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e humanização*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- MORAGAS, R. M. *Gerontologia social - envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- OLIVEIRA, A. P. *Turismo e desenvolvimento - planejamento e organização*. 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Atlas, 2000.
- PETROCCHI, M. *Turismo, planejamento e gestão*. 6. ed. São Paulo: Futura, 2002. p. 60-61, 183.
- RODRIGUES, A. A. B. *Turismo e a geografia - reflexões teóricas e enfoques regionais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, A. M. Produção e consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YAZIGI, E. et al. *Turismo - espaço, paisagem e cultura*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

SANTOS, J. F. *O que é pós-modernismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros passos, 165).

SEABRA, G. F. *Ecos do turismo: o turismo ecológico em áreas protegidas*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

PORTE SEGUNDO. Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico. *Turismo aqui são outros 500*. Porto Seguro, Bahia, Assessoria de Imprensa, Casa da Lenha, 2002.

SILVA, M. J.; SOARES, A. E. A importância do lazer para a sociabilidade do idoso residente em áreas de periferia. *A Terceira Idade*, São Paulo, n. 16, p. 57-59, maio 1999.

VAZ, N. G. *Marketing turístico: receptivo e emissivo*. São Paulo: Pioneira, 2001. p. 109.

Notas

¹ Entrevista concedida pela Assessoria de Imprensa da Secretaria de Turismo de Porto Seguro (BA), em maio de 2002.

Endereço

Raimunda Silva d'Alencar
Pça. São Sebastião, 40/201
Bairro Fátima
Itabuna - BA
CEP: 45603-510
E-mail: r_alencar@yahoo.com